

RIO ARAGUAIA: DE “UTOPIA DE SALVAÇÃO A “PRAIA DOS GOIANOS”

*Carla Edieni da Silva Alves¹ (PG), Maria de Fátima Oliveira² (PQ)

carlaedieni@hotmail.com

^{1 2} Programa de Pós-Graduação em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER) da Universidade Estadual de Goiás. Câmpus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas – UnUCSEH.

Resumo

A pesquisa investiga o uso do rio Araguaia como utopia de salvação da Província de Goiás no século XIX por meio da navegação, em contraste com a mudança de perspectiva na segunda metade do século XX, com o surgimento, embora de forma ainda tímida, das primeiras práticas de lazer em suas praias, como elemento de transformações sociais, associado à modernidade. No século XIX merecem destaque, os projetos dos aldeamentos, dos presídios, o incremento da pecuária, e a navegação a vapor. No século seguinte, pode-se observar que os projetos de navegação continuam como tentativas de desenvolver a região, mas novas políticas são defendidas, como por exemplo, as ferrovias, as rodovias e o incentivo ao lazer. Desse modo, o foco central desta pesquisa é, por um lado, contribuir para o aprofundamento do conhecimento sobre um espaço geográfico e simbólico que foi e continua sendo de suma importância nas questões históricas, ambientais, sociais, e políticas de Goiás; e por outro, perceber e analisar a mudança de mentalidade na relação homem natureza, quanto ao uso desta prática de lazer, que se intensificou na década de 1990, por meio da mídia televisiva e pelas ações das políticas públicas, despertando nos goianos o desejo de estar nas praias do Araguaia.

Palavras-chave: Rio Araguaia. Representação. Navegação. Lazer. Praia dos goianos

Introdução

A relevância deste estudo justifica-se a partir da reflexão feita a respeito do uso do rio Araguaia, como um projeto idealizado de navegação ocorrido no século XIX pelos governantes da Província - tema abordado no trabalho de conclusão do curso de História da Universidade Estadual de Goiás em 2014 - e o desejo de dar continuidade à investigação, buscando explicações e respostas para o uso do rio na atualidade. Na pesquisa intitulada “O rio Araguaia: Utopia de salvação da Província de Goiás”, constatamos que o rio Araguaia se apresentou como “utopia¹” devido ao

¹ **Utopia**, termo que, em grego, significa "lugar nenhum". Mediante ao termo racional e crítico Utopia é um livro publicado em 1516, 24 anos depois do descobrimento da América por Américo Vespúcio. Escrito pelo inglês Thomas More - Moro ou Morus - (1478-1535), no qual este autor faz uma crítica à Inglaterra das primeiras décadas do século XVI. Utopia é a ideia de civilização ideal, fantástica, imaginária. É um sistema ou

fato de ter sido vislumbrado como eixo econômico pelos governantes da Província, idealizada principalmente por Couto Magalhães que acreditava na função histórica do Araguaia com a navegação a vapor. Porém, não houve resultado concreto, e em 1888, a navegação foi suspensa, culminando em perspectivas econômicas pouco animadoras e prejuízos incalculáveis.

O rio Araguaia tem merecido a atenção de alguns pesquisadores. Dentre eles, podemos destacar: *As comunicações fluviais pelo Tocantins e Araguaia no século XIX*, de Dalísia Doles (1973), no qual a autora ressalta a importância do rio Araguaia na respectiva da marcha de penetração, povoamento e colonização no centro-norte brasileiro no século XIX. Essa autora afirma que, findando o Império começou a declinar a navegação do Araguaia que nascera como um sonho de benefícios para toda a Província, mas no final do século XIX não havia cumprido o papel de veículo integrador no processo de desenvolvimento do Brasil. Assim, pretende-se aprofundar a compreensão das tentativas de desenvolver as comunicações na Província de Goiás por meio da navegação no rio Araguaia; no livro “Nas águas do Araguaia - a navegação e a hibridéz cultural” de Francisquinha Carvalho (2009), podemos compreender em parte, como se deu o processo de trocas culturais nesse espaço do rio Araguaia. Visto que o rio é um capital natural, rico de representações e condutor de muitas histórias, desde os primeiros habitantes indígenas que ocuparam suas. Por outro lado, Oliveira (2010) observa que as principais razões pelas quais um dos maiores rios de Goiás, o Araguaia, não tenha conseguido como meio de transporte, proporcionar maior progresso à região, “foram os obstáculos naturais, a fragilidade econômica da província e o vazio demográfico de população branca às margens do mesmo”. Isso se deve, sobretudo devido à sua formação física, isto é, cachoeiras, corredeiras, bancos de areia, e principalmente a falta de profundidade para passagem das embarcações, o que impossibilitavam a navegação. Entretanto, na pós-modernidade, são essas mesmas condições que irão favorecer o uso das praias para lazer; O estudo da geógrafa Laura Ramos (2011), *Romaria das águas: ambiente, afeto e representações nas praias do rio Araguaia/Go* foi importante para

plano que parece irrealizável, é uma fantasia, um devaneio, uma ilusão, um sonho. No sentido mais limitado, significa toda doutrina social que aspira a uma transformação da ordem social existente, de acordo com os interesses de determinados grupos ou classes sociais. (MORUS, 2004).

uma discussão interdisciplinar, uma vez que a autora trata da apropriação ambiental do rio Araguaia, ou seja, as representações estabelecidas entre os indivíduos e o rio.

Embora os estudos de Ramos (2011) e os demais acima relacionados sejam importantes para uma melhor compreensão do rio Araguaia sobre diversos aspectos, o enfoque principal desta pesquisa é a análise das práticas de lazer dos goianos após a segunda metade do século XX. Fundamentalmente, o objetivo geral desta pesquisa é contribuir para o aprofundamento do conhecimento sobre um espaço geográfico e simbólico que foi e continua sendo de suma importância nas questões históricas, ambientais, sociais, e políticas de Goiás. Dentre os objetivos específicos pretendemos analisar as representações sobre o rio Araguaia no século XIX, especialmente sob a ótica utópica dos presidentes de Província, que acreditavam ser a navegação pelo Araguaia o principal meio para o desenvolvimento de Goiás, sendo Couto de Magalhães o maior visionário do desenvolvimento comercial por via fluvial. Procura-se também perceber o processo de abandono da navegação no Araguaia e a tentativa de desenvolver a região por meio da ferrovia nas primeiras décadas do século XX e investigar o processo de mudança de mentalidade (comportamento) sociocultural dos goianos que passaram a frequentar o rio Araguaia a partir da segunda metade do século XX.

Nossas inquietações a respeito da trajetória cultural, política e social, em relação ao rio Araguaia parte basicamente das seguintes questões: Após o projeto frustrado da navegação, como o Araguaia vem sendo utilizado, e quais as transformações estruturais das praias e quais as políticas públicas voltadas para o uso destas, levando em consideração a relação homem-natureza? As atividades de lazer envolvendo Goiás no processo de representação cultural e social na região central do país devido a sua transformação econômica e crescimento urbano, fez com que os goianos passassem a frequentar com mais intensidade as praias do Araguaia? Qual o contexto sociocultural que explica a transformação do rio Araguaia, a principal utopia de desenvolvimento de Goiás no XIX, em referência para o lazer ambiental a partir da segunda metade do século XX? A prática de lazer em período de férias e temporadas é um fenômeno espontâneo ou existe um apelo que remete ao uso das praias do rio Araguaia associado ao uso das praias do mar?

Segundo nossas hipóteses, o rio Araguaia se tornou uma referência no lazer em Goiás a partir da segunda metade do século XX, devido: a) a nova representação sobre a natureza e a conseqüente emergência de novas formas de lazer da classe média urbana ser diferente, por exemplo, do século XIX em que as praias do rio Araguaia não eram utilizadas com essa finalidade; b) às políticas públicas voltadas para o uso dos rios e suas praias, bem como as propagandas na mídia, que são elementos a serem considerados na motivação e aumento do interesse dos goianos em frequentarem esse ambiente de lazer; c) às representações que os usuários conferem ao rio Araguaia como *praia dos goianos*, que podem ser percebidas por meio das músicas, jornais, vídeos, etc.

Desse modo, percebemos como os saberes culturais, de entendimentos, realizações, progressos, regressões, utopias e desencantamentos, que resultaram da aventura construída nas inter-relações sociais permearam o imaginário na região do Araguaia. Nesse sentido, pensar o rio historicamente oferece um terreno fértil para a atividade investigativa de comparação em seu período analisado. Pois, o rio oferece a percepção do fluir dos acontecimentos, das curvas, dos acidentes, da sensação de um momento e nos remete a um período sonhado e idealizado pelos homens ao longo do tempo.

Desse modo, o livro de Braudel (1984) *O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na Época de Felipe II*, nos ajuda a pensar sobre o rio Araguaia quando o autor se utiliza de uma proposta inovadora ao mostrar que todas as particularidades representativas têm uma história, ou melhor, são partes da História e tanto a História dos acontecimentos quanto a História das tendências gerais não podem ser compreendidas sem as representações. Daí a necessidade em dialogar com outras áreas do conhecimento - ciências sociais e a sociologia - e também pensar sobre o conceito de longa duração, por ser um modelo da pluralidade dos tempos históricos, ou seja, uma forma de abordar os acontecimentos históricos que transcorrem na lenta mudança da paisagem na relação do homem com o meio. Por isso a importância de uma análise focada na longa duração, que possibilite perceber as transformações na região do rio Araguaia ao longo dos séculos.

Procurando entender as conjunturas do pensamento do homem moderno em relação à busca pelo contato com a natureza, pretende-se compreender pela lente de Keith Thomas, como se dá a mudança na atitude das pessoas que passam a valorizar e ter apreço pela natureza depois do processo de industrialização, pois segundo o autor “tal processo demorou a se realizar” (THOMAS, 2010). Assim, a proposta é datar e analisar a mudança de comportamento em relação ao uso das praias do Araguaia e a valorização da natureza, possibilitando conhecer os primórdios da preocupação ecológica e que implicações políticas e sociais isso traz para o rio Araguaia.

Desse modo, acredita-se que em Goiás, a representação sobre a natureza e as praias do Araguaia foi assimilada principalmente pela classe média como nova forma de lazer, e pode estar ligada ao desenvolvimento econômico do Estado, a partir das políticas públicas voltadas para o aproveitamento desse rio. Maia (2005, p. 339) reforça essa ideia ao afirmar que “conduzindo o homem ao prazer da vida, via opções oferecidas para o lazer, a cultura ou o mero conhecimento de locais diferentes” contribui para melhorar a vida das sociedades.

Bourdieu (1996) é outro teórico que contribui para a compreensão das estruturas discursivas que condicionam o pensamento do homem em determinadas épocas, e também para o entendimento do conceito de espaço social e simbólico. Desse modo, é possível entender como ocorreu, a partir dos discursos de progresso para o enfrentamento da natureza na região central do Brasil, o meio da penetração e a fixação do homem no século XIX e XX, pois a representação da paisagem do rio Araguaia não se constitui em discursos neutros, mas ao contrário, produz estratégias e práticas (sociais e políticas) capazes de legitimar os projetos de apropriação do seu espaço. Segundo Bourdieu (1996, p.15), “não podemos captar a lógica mais profunda do mundo social a não ser submergindo na particularidade de uma realidade empírica, historicamente situada e datada”. É nesse sentido que os argumentos do autor são fecundos nessa análise.

As considerações do sociólogo Giddens (1991) também são necessárias para refletir sobre o sentido da sociedade em que vivemos, procurando analisar de que forma a contemporaneidade se relaciona com os aspectos mais íntimos da vida

peçoal dos indivíduos, partindo do pressuposto de que a modernidade, fenômeno global de longo alcance, altera a natureza da vida social cotidiana. Pretende-se, desse modo, fazer uma ligação com a questão da identidade, auto realização e estilo de vida dos indivíduos frequentadores do rio Araguaia.

Para pensar o rio como área de lazer, buscamos fazer uma relação com o pensamento de Corbin (1989), sobre a história do desejo dos banhos de mar e suas praias, a fim de perceber se há uma correlação entre o interesse pelo uso das praias de rios, e mais especificamente sobre a prática de turismo nas praias do rio Araguaia, com as motivações dos indivíduos analisados por este autor em *Território do vazio*.

A perspectiva dessa investigação está diretamente embasada pela da História cultural, que possibilita perceber o passado como uma construção dos aspectos de representação da goianidade. Assim como os conceitos da História ambiental importantes na pesquisa, pois esta busca valorizar a interdisciplinaridade com as Ciências Naturais, na análise do contexto regional, na qual são evidenciadas também as construções políticas e econômicas que lidam com questões abertas pela temática ambiental.

Material e Métodos

Buscamos em primeiro lugar reunir documentos e referências acerca do Araguaia e sobre Goiás. Foram feitas pesquisas em jornais (o popular), revistas (A Informação Goyana), Museu da Imagem e do Som (MIS), Secretaria do Turismo e arquivos do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG) a fim de perceber a representação dos primeiros discursos em relação às temporadas no rio Araguaia. Neste contexto histórico de apropriação do espaço a pesquisa de campo fez-se necessária, uma vez que, tenciona perceber a representação e a relação homem-natureza dos indivíduos que frequentam as praias desse rio anualmente, especialmente nas férias de julho. As pesquisas de campo ocorreram no mês de julho de 2015 e julho de 2016 entre Itacaiú e Aruanã.

Resultados e Discussão

Dentre os resultados obtidos durante o processo desta pesquisa destacamos o primeiro capítulo da dissertação, que analisa o contexto sobre Goiás e o rio Araguaia no século XIX, especialmente sob a ótica utópica dos presidentes da Província, que acreditavam ser a navegação pelo Araguaia o principal meio para o desenvolvimento de Goiás, principalmente Couto Magalhães, o maior visionário do desenvolvimento comercial por via fluvial.

Dentro das possibilidades do segundo capítulo, investigamos os processos de modernização voltados para Goiás, os quais possibilitaram a mudança de mentalidade (comportamento) sociocultural da sociedade goiana, que passou a frequentar o rio Araguaia a partir da segunda metade do século XX. Neste contexto, os ribeirinhos e a movimentação dos barcos a motor compõem o retrato dos sujeitos históricos, indispensáveis para tratar a história do cotidiano no processo que configura a paisagem do Araguaia na modernidade. Neste capítulo, sondamos a expectativa das novas políticas criada para outros usos do rio Araguaia, desvinculada daquela pensada no século XIX, uma vez que surge uma nova forma de aproveitá-lo, para a prática de lazer.

A proposta do terceiro capítulo é investigar como os agentes - frequentadores do Araguaia - passaram a ver o rio sob o respaldo dessa nova representação, ou seja, para o lazer. Para isso, catalogamos e reunimos o acervo histórico existente sobre o rio Araguaia em jornais, leis ambientais, literatura, música, mídia televisiva e por meio de entrevistas, a fim de conhecermos melhor como este rio tem sido descrito nessa perspectiva. Percebemos, portanto, que o rio Araguaia se tornou um espaço de lazer, frequentado por indivíduos que se deslocam buscando lazer por várias motivações. Atualmente existe um apelo praticado pela ação midiática que reforça ideologicamente a ideia de turismo nas regiões do rio Araguaia, ou seja, as pessoas são incentivadas a buscarem esses espaços de natureza como atividades de lazer nas praias do Araguaia, não somente espontaneamente como ocorrera a tempos atrás. A partir do discurso desenvolvimentista pós-moderno, as transformações socioculturais levaram a sociedade goiana a idealizar o rio Araguaia como praia e lugar de lazer. Nessa perspectiva, pretende-se fazer uma relação entre o uso das praias do mar e o uso das praias do Araguaia.

Dentre os resultados até o momento destacamos as participações em eventos, e congressos, participação efetiva no GT 3 – Saberes, cultura e meio ambiente,

envio do Artigo “Os Avá-Canoeiro e o Território Goiano: Luta em defesa da sobrevivência” para revista de História da UEG (ISSN 2316-4379), a resenha: Epopeias em dias de prazer: uma história do lazer na natureza (1779- 1838) de Cleber Dias, (aguardando publicação para segundo semestre de 2016), participações em bancas de defesas e Coordenação de Eixo Temático no SINASEC/ 2016 - Intitulado “Diálogos entre a História e a Literatura: saberes e práticas populares no cerrado”.

Sabemos que ao longo dos processos transformadores no modo de pensar a natureza, o rio Araguaia, personagem maior desta pesquisa, conduz diferentes situações, proporcionando momentos conflituosos na forma de apropriação do espaço. Assim as reflexões acerca da sua importância para o Bioma Cerrado ocorrem devido a percepção de uma mudança na forma de ver o rio na modernidade, uma vez que a defesa de sua sobrevivência envolve intrinsecamente o discurso de proteção ambiental e seu uso para o lazer.

Considerações Finais

Percebemos no primeiro capítulo deste estudo que as grandes expedições de desbravamento, colonização e povoamento destinadas a conquista do Araguaia foram voltadas para o domínio deste, dos indígenas e de suas margens. Na modernidade uma das formas de apropriação do seu espaço ocorre por meio dos acampamentos todos os anos nas temporadas de férias, onde o Araguaia se constitui em espaço de lazer. Percebemos por meio do nosso estudo que as pessoas que procuram essa natureza nos tempos atuais, mudaram seu comportamento em relação ao rio, sobretudo, devido à composição histórica e social ocorridas no espaço urbano, levando em conta o estilo e modo de vida que se habituou a ter e a chamar de vida pós-moderna.

Agradecimentos

À minha orientadora Dra. Maria de Fátima Oliveira, a UEG pela bolsa de estudos e ao Programa TECCER por toda a colaboração e incentivo na formação *stricto sensu*.

Referências

- BRAUDEL, Fernand. **História e Ciências sociais**. Lisboa: Presença, 1990.
- BRAUDEL, Fernand. **O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II**. 2 vol. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. **Espaço Social e Espaço Simbólico. O novo capital. Razões práticas: Sobre a teoria da Ação**. Campinas, SP: Papirus, 1996.
- BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Tradução de Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CARVALHO, Francisquinha Laranjeira. **Fronteiras e conquistas pelo Araguaia-século XIX**. 2ª edição. Goiânia: Kelps, 2010.
- CARVALHO, Francisquinha Laranjeira. **Nas águas do Araguaia: A Navegação e a Híbridez Cultural**. Goiânia: Kelps, 2009.
- CHAUL, Narsr Nagib Fayad. **Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade**- Goiânia: ed. UFG, 1997.
- CHAUL, Nars Fayad. *Goiás-Velho, Goiás-Novo: A construção de Goiânia e as utopias dos anos 30*. **DF letras**. Diário da Câmara Legislativa suplemento cultural. Câmara Legislativa do Distrito Federal. Brasília 1992. Disponível em: <http://biblioteca.cl.df.gov.br/dspace/bitstream/123456789/1709/1/Goi%C3%A1s-Velho-Nasr%20Fayad%20Chaul.pdf>. Acesso em 20 jan. 2016.
- CORBIN, Alain. **Território do vazio A praia e o imaginário ocidental**. trad: Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- DOLES, Dalísia Elizabeth Martins. **As comunicações fluviais pelo Tocantins e Araguaia no Século XIX**, prefácio de Nícia Vilela Luz. Goiânia: Editora Oriente, 1973.
- FEBVRE, Lucien, 1878-1956 **O Reno: história, mitos e realidades**/ Lucien Febvre; tradução de Eliana Aguiar; apresentação de Peter Scöttler. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- GANDARA, Gercinair Silvério. **Rios e Cidades - Olhares da história e meio ambiente/** (org.) Gandara. Coordenador Eugênio Rezende de Carvalho Goiânia: Ed. PUC Goiás, 2010.
- GIDDENS, A; Beck, U. e Lash, S. **Modernização reflexiva**. São Paulo: Unesp, 1997.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-modernidade**. São Paulo: LP & A, 2004.

LEONARDI, Victor. **Os Historiadores e os Rios: natureza e ruína na Amazônia brasileira**. Brasília: Paralelo 15, 1999.

LIMA FILHO, M. Ferreira. **O (Des)encanto do Oeste: memória e identidade social no médio Araguaia**. Goiânia: Ed da UCG, 2001.

MORUS, Thomas. **Utopia I Thomas More**. Brasília: Ed.UNB, 2004.

OLIVEIRA, Maria de Fátima. **Entre o sertão e o litoral: cultura e o cotidiano em Porto Nacional 1880/1910**. Anápolis: UEG, 2010.

PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. *In: História Ambiental: fronteiras, recursos naturais e conservação da natureza* (orgs) José Luiz de Andrade Franco, Sandro Dutra e Silva, José Augusto Drumond, Giovana Galvão Tavares – Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

RAMOS, Laura Mariana Jaime (2011). *Romaria das Águas [manuscrito]: ambiente, afeto e representações nas praias do Rio Araguaia-GO*/ Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem à Província de Goiás**. São Paulo: Itatiaia, 1975.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação as plantas e aos animais (1500-1800)**. São Paulo: companhia das letras, 2010.

WORSTER, Donald. Para Fazer História Ambiental. *In: Estudos Históricos*, vol. 4. Nº 8, Rio de Janeiro, 1991. Disponível em: <<http://www.nuredam.com.br/files/divulgacao/artigos/Para%20fazer%20hist%F3ria%20ambiental.pdf>> acesso em: 02 jul. 2016.